

2 **A Pesquisa no Campo**

2.1 **Informações Iniciais**

2.1.1 **O Ensino Médio**

Em 2002, matricularam-se no ensino médio, em todo o Brasil, 8.710.584 alunos¹. Em 2003, foram 9.072.942, o que significa um aumento de 362.358 alunos, ou 4,2%. A rede estadual é a que mais recebe alunos neste nível de ensino. Do total de 9.072.942 alunos matriculados em 2002, 74.344 matricularam-se na rede federal, 203.368 na rede municipal, 1.127.517 na rede privada e 7.667.713 na rede estadual. O número total de alunos concluintes do ensino médio em 2002 foi de apenas 1.884.874, e o número de alunos afastados por abandono dos estudos naquele ano foi de 1.135.009. Podemos por aí ter uma idéia do “fracasso escolar” no ensino médio brasileiro.

O ensino médio parece ser uma espécie de nó górdio da educação: não se trata de dar ensino elementar, pois em princípio este já foi ministrado no fundamental. Por outro lado, ainda não é estudo universitário. Seria fase propedêutica? Ou seria algo diferente? Conquista relativamente recente no que se refere a direito social, parece ser tratado com descaso pelos sucessivos governos brasileiros que insistem numa separação entre o ensino médio e o ensino técnico, o que na prática leva muitos jovens de classes populares, na premência pelo emprego e pela própria sobrevivência, a realizar somente cursos técnicos em detrimento de uma formação geral mais ampliada e mais aprofundada. Como conseqüência de uma formação aligeirada e voltada para o “mercado de trabalho”, tal como este se configura em um dado momento histórico, esses jovens são alienados de uma formação mais sólida nas bases científicas sobre as quais a “técnica” se constitui, para não falar nas bases filosóficas, históricas e culturais que poderiam acessar num ensino que se preocupasse mais com a formação humana completa do que apenas em atender às demandas daquele mercado. Não posso deixar de ler significados sinistros nesta situação, onde seres humanos são

¹ Fonte: MEC/Inep. Todos os dados seguintes sobre números de alunos no ensino médio vêm da mesma fonte.

obrigados a se enquadrar num mercado, transformando-se eles mesmos em mercadoria. O mercado não mais atende ao ser humano, este é que vive e morre para atender ao mercado...

2.1.2 Breve História da Escola

A escola Álvaro Cavalieri² é talvez uma das escolas de nível médio mais antigas da cidade do Rio de Janeiro. Oficialmente criada por um decreto de fins do século XIX (Decreto nº 98 de junho de 1894), começou como “Instituto Comercial”, para alunos de ambos os sexos.

O decreto nº 2.940, de 22 de novembro de 1928 “regulamentou, no seu capítulo VIII, o funcionamento da Escola Álvaro Cavalieri” (CIAC, s/d). Um novo decreto, o de nº 3.281, reorganizou o ensino no então Distrito Federal, “dando à antiga Escola de Aperfeiçoamento a denominação de Escola de Educação Secundária Geral e Técnica Álvaro Cavalieri.” (ibid.)

Ao longo de sua história, a escola sofreu algumas modificações no que se refere aos tipos de ensino que ofereceu. Um decreto de 1931 manteve os cursos “Propedêutico” e de “Perito-Contador”, diurnos, e de “Auxiliar de Comércio”, noturno (ibid.). Embora não tenhamos tido informações mais detalhadas sobre a história da escola, podemos vislumbrar, ao considerar os cursos supracitados, a existência de dois tipos de cursos oferecidos à população carioca de então: um ensino mais geral, propedêutico inclusive no nome, destinado àqueles que continuariam seus estudos em nível superior de ensino; e um ensino técnico, destinado àqueles que se deteriam no nível “secundário” de ensino, arcando com as conseqüências de um tipo de ensino que lhes selava a vida, profissional e social. É curioso constatar, hoje, quando há um embate de forças políticas no sentido de garantir a escola pública, unitária e de qualidade para toda a população, a presença de uma dicotomia clara de ensino numa época em que nem se fazia qualquer esforço, por parte dos governos, de disfarçar a dualidade do ensino sequer nos nomes. Com efeito, é relativamente recente a equivalência entre os níveis técnicos de ensino e o “secundário” no Brasil:

primeiro, nos anos de 1950, com as Leis de Equivalência e, depois, a equivalência plena somente com a LDB de 1961, que permitiu os concluintes do

² Todos os nomes de instituições e de pessoas pesquisadas são fictícios.

colegial técnico se candidatarem a qualquer curso de nível superior. (Franco, apud Ciavatta 2005)

A escola resistiu ilesa a dois decretos municipais que modificaram a organização das escolas técnicas, exceto a sua, e o decreto que lhe deu a denominação atual foi o de nº 1.522, de 16 de fevereiro de 1963: Escola Álvaro Cavalieri passa a denominar-se Colégio Estadual Álvaro Cavalieri.

2.1.3 Características da Escola e de seus Alunos

O prédio é uma construção antiga, porém de estrutura sólida: enormes pedras polidas se sobrepõem até a altura do primeiro andar. Visto por fora, aparenta ter dois pavimentos, e de fato os têm, mas apenas em sua parte frontal. Na parte posterior, onde estão situadas as salas de aula, tem três pavimentos, fato tornado possível pela menor altura do pé-direito das salas que ali se encontram. Entre o prédio e a calçada da praça há um pátio, separado da rua por uma mureta, encimada por grades de ferro fundido e grandes portões do mesmo material, e o conjunto é bem agradável. No topo de sua parte frontal, está gravado em alto relevo o ano de “1874”.

Para acessar o interior do prédio, subimos uma escadaria e alcançamos três grandes portas. Pelo lado de dentro da porta da direita de quem chega, há uma mesa com telefone de ramais e listas de controle, onde permanece um funcionário que controla as entradas e saídas. Curiosamente, porém, os alunos não entram por esta parte principal: há, ao lado do prédio, um corredor separado do pátio frontal, que conduz aos fundos, e é por ali que os alunos acessam a escola, passando por “catracas” de controle de entrada e saída. Em entrevistas com os alunos, tivemos a informação de que eles não podem entrar na escola nem muito antes do horário das aulas, e nem atrasados, o que apareceu como uma reclamação da parte dos mesmos, especialmente dos que moram longe ou que trabalham.

As paredes externas do prédio estão pixadas, tal como a mureta exterior. Na parte mais alta, vemos algumas plantas ou arbustos que cresceram entranhados pelas paredes da construção. Na praça onde o prédio se localiza, muitos alunos se reúnem e sentam-se pelos bancos, conversando, tocando violão, namorando. Tudo parece muito calmo, mais do que outras escolas públicas ou até particulares. O

clima no interior da escola me pareceu algo como uma “tranquilidade vigiada”, isto é, não se ouve berros ou excesso de barulho, nem correrias ou tumulto, mas parece que os inspetores têm um papel importante na manutenção deste clima; estão sempre atentos ao que acontece, e os alunos sempre que precisam se dirigir a eles o fazem de um modo respeitoso.

A escola funciona em três turnos, manhã, tarde e noite, nos quais mais de mil alunos se matriculam em cada um anualmente, porém, ao longo do ano esse número vai diminuindo devido à evasão escolar. Cada turno tem uma diretora, e há também uma diretora geral da escola, embora esta nunca estivesse presente na mesma nos momentos em que lá estivemos; quem responde pelos problemas e solicitações de diversos tipos no dia-a-dia escolar são as diretoras de turnos. A escola também tem supervisão pedagógica, sendo três supervisores trabalhando, também um para cada turno. A escola oferece hoje apenas o nível médio de ensino, e não mais o ensino profissionalizante. Há também um curso que está “em extinção”, isto é, que não abre mais matrículas, restando apenas formar as últimas turmas em andamento: curso pós-médio em Administração, de 1,5 ano de duração. A escola ficou conhecida, durante muitas décadas, como uma boa escola profissionalizante, tendo oferecido as especializações de contabilidade, administração e secretariado. Segundo uma das diretoras de turno, há uma grande procura pelos cursos profissionalizantes, mas não há professores para atender a demanda, uma vez que o governo estadual só tem aberto concursos para provimento de cargos no sistema FAETEC, do qual a escola não faz parte. Na década de 90, por ordem da Secretaria Estadual de Educação, a escola passou a ser apenas de formação geral, isto é, somente ensino médio.

Com relação a sua organização interna, a escola possui laboratório de informática, biblioteca, cozinha industrial (que oferece aos alunos e funcionários almoço e jantar), sala de vídeo que inclui DVD, auditório com piano, e quadra de esportes. Há também o grêmio estudantil.

Ainda segundo uma das diretoras de turno, a maioria dos alunos que se matriculam na escola vem das classes sócio-econômicas populares, sendo que a instituição apresenta uma peculiaridade em relação às demais escolas de nível médio da cidade: encontra-se, geograficamente, em “território neutro”, nas palavras da diretora. Isto significa que está, se não totalmente, pelo menos em grande parte fora das áreas de disputa entre as quadrilhas de tráfico de drogas, o

que deixa os alunos e seus pais (e podemos presumir, também toda a comunidade acadêmica) mais tranquilos quanto ao seu bem-estar e mais disponíveis para se dedicarem aos trabalhos escolares.

A diretora relatou que, por vezes, alunos de certas escolas, por estarem uniformizados e poderem ser assim identificados como pertencentes a elas, são agredidos fisicamente por alunos de outras, ou ao passarem em áreas sob a influência de determinados grupos de tráfico, o que nos dá uma idéia de como um detalhe, que pode passar completamente despercebido numa análise que leve em conta apenas dados estatísticos relativos a aprovações, repetências e “violência na escola”, pode ser de suma importância para os alunos e suas famílias.

Assim sendo, não é de surpreender que ocorram os casos citados pelas diretoras, bastante freqüentes, de pais que não tenham conseguido vagas para seus filhos na escola vindo implorar, às vezes de forma dramática, chegando a suplicar de joelhos em seus gabinetes, que concedam uma vaga para seus filhos. A diretora citou o fato de que, como alguns alunos trabalham no Centro ou Zona Sul, a escola também aparece como uma oportunidade de estudos relativamente próxima do local de trabalho. No entanto, acredito que o fato de a escola ser uma das poucas que não são obrigadas a fechar as portas em dias de aula, por ordens de traficantes, significa muito mais para as famílias que, mesmo sendo de classes populares, ainda apostam na educação de seus filhos como um meio de ascensão social, ou pelo menos de manutenção de alguma dignidade. Significa exatamente essa oportunidade, de estudos e de distância de influências em sentido inverso oferecidas pelos traficantes. Como conseqüência a escola, situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, recebe alunos moradores da zona norte, zona oeste, Campo Grande, São João de Meriti, Pavuna, baixada fluminense, Belford Roxo, Duque de Caxias, Niterói, São Gonçalo, Alcântara, e Paquetá, o que é notável. Há uma boa parte do corpo discente da escola composta por moradores das comunidades do Pereirão, Rocinha, Vila Esperança, Vila Kenedy, Parque União, complexo da Maré, Vila do João e Vila dos Pinheiros, sendo que há um contingente muito grande destas duas últimas.

Tal significado é ratificado pelo fato de alguns pais admitirem, ao solicitar matrícula para seus filhos após as vagas terem sido totalmente preenchidas no turno que desejam, de que tal chance seria importante no sentido de ocupar os filhos, tirá-los da ociosidade, e proporcionar-lhes oportunidade de entrar em

contato com o mundo do “trabalho honesto”. E podemos ficar a imaginar as situações em que as diretoras, tendo de administrar e manter em condições de funcionamento razoável uma escola de grandes dimensões, também ver e ouvir a manifestação do desespero de pais que desejam apenas que seus filhos possam estudar em condições menos inóspitas.

Há também mais um problema que deve ser incessantemente gerenciado pelas diretoras e equipe escolar: os alunos, em grande parte, preferem cursar a escola no turno da noite, especialmente a partir da segunda série, pois visam também trabalhar concomitantemente ao curso de nível médio, o que é muito mais viável pelos turnos diurnos, restando então a noite para os estudos. É claro que isto tem reflexos na qualidade do ensino, uma vez que tanto professores quanto alunos, após um dia inteiro de trabalhos outros, não rendem pela noite o mesmo que renderiam durante o dia, fato que é reconhecido pelos professores com quem tivemos contato na escola. A diretora relatou que mais ou menos de 1996 para cá, a procura pelo turno da noite aumentou muito; inicialmente, os alunos e os pais buscam apenas conseguir vaga na escola, em qualquer turno. A partir do segundo ano, tentam a transferência para o turno da noite. Além disto, segundo ela, o número de “histórias tristes” também aumentou, como também o de alunas de quinze anos de idade grávidas, e que o nível de desempenho escolar dos alunos cai ano após ano.

Comentários elogiosos foram feitos à atual diretora geral, que está na escola desde 2001. A merenda escolar tinha sido desativada, e a diretora geral a reimplantou; substituiu os quadros-negros por quadros brancos, reativou o elevador, informatizou a escola. Criou carteirinhas escolares próprias da escola, plastificadas para evitar falsificação, e implantou as catracas para a entrada dos alunos, com código eletrônico de barras, que marca o dia e a hora de entrada e de saída dos alunos.

2.2 Idas e Vindas no Percurso da Pesquisa

2.2.1 Testagem dos Instrumentos

Antes de iniciar a pesquisa com os alunos da escola que vimos descrevendo, desenvolvemos os procedimentos descritos no capítulo anterior em uma outra escola de nível médio, que não seria o alvo desta pesquisa, para testar os instrumentos e me familiarizar com seu uso. Fizemo-lo na Escola Politécnica, devido à facilidade de acesso que teria aos alunos, por ser meu local de trabalho. Apesar desta vantagem, havia o problema de que a grade horária dos alunos era completamente tomada por atividades acadêmicas, o que me exigiu tomar o tempo de minhas próprias aulas para a aplicação dos instrumentos.

Devo citar também as dificuldades que são geradas pelo fato de o pesquisador conhecer alguns ou vários dos alunos pesquisados. Uma vez que existe avaliação, tanto informal quanto formal, na relação professor-aluno, há como consequência um certo “controle de impressões”³, o que pode empobrecer uma entrevista, em termos de revelar fatos desconhecidos. Além disto, proíbe completamente o uso de um instrumento que consideramos muito interessante, o grupo focal, já que este tem como exigência metodológica o pesquisador não conhecer os pesquisados e estes não se conhecerem entre si (Gatti, 2005). Lembramo-nos também de Bourdieu, que chama atenção para o fato de que, quando o pesquisador pertence ao mesmo grupo ao qual pertence o entrevistado (por exemplo, um ator entrevistando outro ator), muitos fatos, pequenos e peculiares, são simplesmente omitidos por um pressuposto tácito de que ambos estão cientes dos mesmos e, portanto, não há a necessidade de se comentar. Embora não seja este exatamente o caso quando o professor entrevista seus alunos, pode haver omissões no sentido de o entrevistado supor que o entrevistador conheça alguns fatos relativos a sua vida acadêmica, ou à relação entre ambos, mesmo que subjetivos.

Apliquei num primeiro momento os Balanços do Saber tal qual o modelo descrito pela equipe CENPEC/LITTERIS (in Charlot, 2001). As redações que recebemos, embora relativamente longas, pois em geral cobriam a página inteira,

³ Explicações sobre este termo da Antropologia são dadas em capítulo posterior.

pareciam-me divagações que não davam conta de nossas questões, já que estas demandam uma avaliação que o próprio aluno deveria fazer sobre o que já aprendeu, de suas expectativas quanto a novos aprendizados, bem como quanto aos mediadores desses saberes.

Apliquei então, para um outro grupo de alunos, um Balanço do Saber modificado, explicitando em tópicos as questões que gostaríamos de ver respondidas pelos alunos: o que consideram que foi mais importante naquilo que aprenderam até então, com quem aprenderam essas coisas, o que esperam aprender ainda, e com quem esperam aprender. Nesse caso, obtive respostas mais “objetivas” às questões mas, por outro lado, os alunos eram muito econômicos em suas respostas, o que me levou a deixar o modelo original como sendo um dos instrumentos de pesquisa, já que, segundo Charlot, o mais importante neste instrumento não é exatamente *o que* o jovem aprendeu, mas o que faz mais *sentido* para ele naquilo que aprendeu, o que surgirá mais facilmente numa redação livre (Charlot, 1996). Fiz sabendo, ou pensando, que correria o risco de receber redações tão pequenas que muito pouco ou mesmo nada poderíamos extrair das mesmas para análise, além do próprio fato de se constituírem em redações sumárias.

Quanto às entrevistas para “testagem”, realizei uma coletiva, para a qual convoquei alunos de todas as séries que estavam disponíveis no momento agendado (ocasião de um fórum estudantil, onde encontramos uma “brecha” na programação), e duas individuais, uma com um aluno que apresentava melhores desempenhos acadêmicos, e outra com uma aluna de resultados escolares mais fracos. As entrevistas assim realizadas foram muito importantes tanto para a familiarização do pesquisador com este tipo de abordagem quanto para a definição de um roteiro de entrevista a ser aplicado mais tarde na escola alvo deste estudo.

2.2.2

Entrada no Campo: Texto e Contexto Hierárquico

O modo como fui recebido e como fui me portando ao longo do tempo em que visitei a escola para o trabalho de campo talvez mereça algum detalhamento. Vou então relatar brevemente a evolução deste aspecto particular, e então retomarei outros aspectos da pesquisa no campo, de modo diacrônico. Peço

desculpas pelo possível excesso de detalhes neste particular, mas também acredito na possibilidade de que esses mesmos detalhes constituam informação rica para análises e para uma idéia do contexto e das limitações da pesquisa.

As diretoras de turnos mostraram-se muito atenciosas e, apesar de eu mesmo poder constatar o quanto eram todo o tempo solicitadas para resolver os problemas mais diversos, e o quanto eram procuradas por pessoas que vinham à escola, nunca deixaram de me dar uma atenção perfeita, nem as informações que eu solicitava e que as mesmas tivessem conhecimento. Por outro lado, meu jeito de me portar é descrito pelos amigos e colegas como muito formal, às vezes em excesso. Reconheço um papel importante desempenhado aí pela timidez, embora também consiga ser, em ambientes onde me sinta à vontade, até brincalhão, embora sempre respeitoso. Este aspecto de formalidade e de timidez aliou-se ao fato de que era a primeira vez que eu estava entrando numa escola onde nunca estivera antes, sozinho, tendo de me apresentar e solicitar favor a pessoas que não me conheciam, provocando talvez algum atraso e alguns dias de visita perdida à escola, devido ao acatamento imediato que dava a negativas e respostas secas que obtinha de um dos funcionários encarregados da recepção.

Num dos dias em que ainda estava na fase de obter informações gerais sobre a escola junto às diretoras, ao chegar apresentei-me a este funcionário, que apesar de me conhecer já há vários dias de visitas repetidas, ainda não sabia quem eu era nem qual era o “assunto” que queria tratar com a diretora, ou ao menos dava a entender que não sabia, pois sempre voltava a me fazer as mesmas perguntas e me olhava como se nunca tivesse me visto antes. Nesse dia, ao dizer-lhe que queria falar com a Professora Pérola, diretora daquele turno, ele respondeu simplesmente que a professora Pérola não tinha vindo à escola. De pronto já ia acatando a negativa seca, quase como se fosse um “sinto muito, mas você não tem nada o que fazer aqui hoje”, mas num segundo percebi o absurdo da situação e a falta de solicitude do funcionário; perguntei-lhe “Mas não há ninguém substituindo a professora Pérola?” Ele respondeu que sim, e continuou a me fitar como se isto não mudasse nada. Tive de dizer-lhe então, que gostaria de falar com a pessoa que estava substituindo a professora. Ele nada respondendo, apenas pegou seu telefone e comunicou-se com a substituta, que prontamente me atendeu.

A cada dia que eu chegava na escola, eu já sabia que teria de me explicar completamente, se fosse depender deste funcionário. Com o passar dos dias, eu

mesmo me tornei mais seco com ele, dizendo apenas de modo incisivo com quem gostaria de falar. E cheguei ao ponto de não falar nada com ele: simplesmente entrava na escola e já me dirigia para o setor que eu desejava, geralmente a sala da coordenação. Fui entendendo e aceitando, jogando mesmo com o fato de que as estruturas de poder têm natureza dual: uma formal, e uma efetiva, que quase sempre não são congruentes. A formal é a que se diz e se escreve que exista, e a efetiva é a que funciona na prática, tal como apontado por Cândido (1955). Mais uma vez, o “texto” e o “contexto”. Se eu continuasse a agir como se a estrutura formal fosse a efetiva, talvez não tivesse conseguido realizar a pesquisa, ou não teria obtido tudo o que pude obter, ou o teria conseguido, porém com muito mais desgaste de tempo e de nervos. Em outras palavras:

Na escola ocorrem, cotidianamente, ações que não podem ser somente compreendidas a partir de enfoques macroestruturais que privilegiam apenas o seu lado institucional (...) É preciso lembrar que existe uma duplicidade em ação no cotidiano escolar, que leva os indivíduos a representarem outros papéis além daqueles previstos nos regulamentos. (SÁ, 1991, pp. 51-2)

O mesmo acontecia de certa forma com uma diretora de turno e, principalmente, com um coordenador: por alguma razão que me é desconhecida, ele só me deu uma grande atenção quando cheguei até ele pela diretora de turno. A partir dos outros dias em que eu chegava só, ele não cooperava ou não se importava em me ajudar a desenvolver meu trabalho. Às vezes ficávamos apenas eu e ele na sala, aguardando a chegada de algum professor, durante longos minutos de aulas, horas, e ele não dirigia nem palavra e nem olhares a mim. Quando não estava ocupado com o preenchimento dos quadros de turmas, ele preferia fazer coisas como consertar alguma coisa no bebedouro, olhar os armários dos professores ou simplesmente ler um jornal. Sentia-me verdadeiramente uma parte do mobiliário da sala. Como eu estava tentando fazer tudo com o aval dessas “autoridades”, sempre tentava me comunicar e contava com as indicações dessas autoridades para o prosseguimento da pesquisa. E acabava assim perdendo oportunidades, uma vez que professores entravam e saíam de sua sala, durante os intervalos das aulas, e ele continuava ignorando tanto minha presença quanto minhas solicitações iniciais no sentido de me apresentar aos professores com quem poderia obter ajuda. Quando finalmente me dei conta desta situação, depois de uma noite inteira perdida, sentado na sala sem contatar sequer um professor, dos tantos que entravam e saíam da sala,

compreendi que não adiantaria permanecer ali; levantei-me dizendo-lhe: “Bem, voltarei outro dia para tentar falar com algum professor. Obrigado pela sua ajuda. Boa noite.” Ele nada respondeu, apenas me fitou. Saí indignado de sua sala, decidido a ir para casa para me restabelecer e pensar no que faria em seguida nos outros dias. Movido por sentimentos quase inconfessáveis, de raiva por não estar sendo compreendido ou tratado com dignidade; frustração por ter perdido tanto tempo em vão, e medo de não dar conta da pesquisa, pensei em apurar mais tarde, com muito cuidado, o que eu afinal podia ou não podia na escola. Não era possível eu continuar nesta relação de desprezo unilateral com funcionários da escola. Ao passar pelo hall das salas de aula, porém, eis que avisto os inspetores, que ao me verem, imediatamente me cumprimentam de forma simpática. A diferença do tratamento que deles recebi em contraste com a do coordenador foi chocante. Passou pela minha mente numa fração de segundo o seguinte: “Esqueça a hierarquia. Pense em pessoas”. Isto fiz imediatamente; mudei meus planos para o restante do dia e lhes solicitei ajuda para a pesquisa.

O resultado foi que as visitas fluíram maravilhosamente daí por diante, pois eu me dirigia sempre aos inspetores, um em particular que inclusive tinha conhecimento detalhado das turmas e alunos de melhor ou pior desempenho acadêmico, dos professores que davam aulas em cada horário e até das dificuldades e facilidades que cada um dos coordenadores e demais membros da comunidade escolar poderiam me oferecer. O contato com os diversos professores da escola e com os demais coordenadores também me abriram a oportunidade de comparecer e trabalhar praticamente todos os dias, ao invés de apenas em dias restritos, como havia me indicado uma das diretoras de turno que, embora tenha tido uma compreensível preocupação com o desenrolar dos trabalhos acadêmicos dos professores, talvez nem mesmo ela tivesse uma noção mais exata da realidade de cada professor, do contexto de cada turma.

2.2.3 Instrumentos no Campo

Inicialmente, minha idéia era a de interferir o menos possível no andamento das aulas e outras atividades escolares com a pesquisa: também tinha a mesma preocupação demonstrada pela diretora anteriormente citada. Para isto,

tencionava obter permissão para permanecer no interior da escola, contatar alunos que estivessem em tempo vago ou deixando a escola, apresentar-me, explicar a idéia da pesquisa, tudo de forma bem breve, e solicitar-lhes alguns minutos de atenção, escrevendo um Balanço do Saber (BS), ou concedendo uma entrevista. Obtive a permissão que queria mas, no primeiro contato com um grupo de alunas que estavam de saída, já pude constatar meu erro de avaliação: a pesquisa pode ser até interessante para os alunos, mas não tanto quanto é para mim ou para outros acadêmicos, de forma que eles queriam sempre se retirar o mais rapidamente possível, e eu ficava me sentindo como mais um daqueles inoportunos vendedores de enciclopédias, cheios de retórica mas sem a menor empatia para com o freguês...

Convenci-me então de que seria necessário recorrer à boa-vontade dos professores que simpatizassem com minha proposta de pesquisa, que não se importassem em ceder uma parte do tempo de suas aulas, ou que, por experiência própria, soubessem das dificuldades por que passam os cardumes de arraias-miúdas que tentam fazer pesquisa de campo, e assim concedesse-nos a oportunidade valiosa de entrar em contato com os alunos num tempo e num espaço garantidos. Nesse caso, pouco ou nada poderia fazer no sentido de agrupar os BS por turmas tidas como “boas” e “ruins”, que era minha intenção inicial; estaria com sorte se o professor simplesmente cedesse uma parte do seu tempo de aula para a aplicação do BS na turma que tivesse naquele momento. Restaria assim, ainda, contar com a boa-vontade dos próprios alunos, pois não via nem razões e nem recursos para tornar a escrita das redações ou a concessão de entrevistas algo obrigatório aos mesmos.

Voltei à escola para conseguir permissão para entrar em contato diretamente com os professores, para verificar e solicitar a quem pudesse me conceder alguns minutos de suas aulas para a aplicação dos Balanços. Foi aqui que, ao conversar com a diretora do turno da tarde, esta se opôs à idéia, alegando que as aulas do ano letivo estavam terminando, e os professores teriam de dar o que ainda houvesse para dar nessas últimas semanas. Fiquei bastante desanimado com a perspectiva de não conseguir realizar a pesquisa de campo, mas num quase ímpeto de desespero de causa, insisti mostrando que há dias “enforcados” por feriados, nos quais os alunos faltam às aulas ou os professores não dão matéria

devido ao pequeno número de alunos presentes. A diretora concordou e disse que, neste caso, tudo bem.

Fui então encaminhado à coordenadora, depois a uma professora e a um professor. A sala das diretoras de turnos fica no pavimento térreo do prédio, em sua parte frontal. A sala da coordenação fica no andar de cima, também na parte frontal. É lá onde os professores se encontram ou permanecem enquanto estão no intervalo entre uma aula e outra. Há na mesma uma mesa para o coordenador, e uma outra grande para os professores, com dois bancos de madeira, sem encosto, um de cada lado das partes mais compridas da mesa; água e cafezinho estão à disposição. Muitos professores entram e saem às vezes sem dizer uma palavra, apenas dando uma olhada geral; alguns dizem “bom-dia” ou “boa-noite”, conforme o caso, mas sem ser diretamente a alguém em particular e, em geral, ninguém responde, ou responde muito baixinho.

Um dos professores a quem fui apresentado, professor Valdeci, mostrou-se muito prestativo e, após ouvir de mim a situação em que me encontrava, me conduziu ao hall das salas de aula, e reuniu quantos alunos pode numa sala só, para que os mesmos fizessem o Balanço. Ele era exatamente aquele tipo de professor antes descrito, e que esperávamos encontrar: já havia feito seu mestrado, e explicitou-nos compreender a dificuldade e também a importância de se fazer uma pesquisa de campo. Conseguiu reunir vinte e um alunos numa sala que estava ociosa. Apresentou-me brevemente aos alunos e me concedeu a palavra; expliquei em poucas palavras a idéia da pesquisa e a do Balanço do Saber. Vinte alunos concordaram em fazer os Balanços, sendo que o aluno que não o fez explicou-me educadamente que faria uma prova de Português em seguida, e gostaria de permanecer concentrado.

Assim consegui as primeiras redações, e o professor muito gentil se colocou à disposição inclusive para que eu retornasse nos dias de suas aulas, nas quais ele cederia tempo para que eu pudesse aplicar os Balanços com alunos de outras séries. Depois de recolhidos os Balanços, e de agradecer e me despedir do professor, me vi como que à vontade no interior da escola, na ala das salas, e pude, desta forma, adentrar um pouco mais no prédio e notar mais detalhes do mesmo. A arquitetura é, como já mencionamos, de tipo antigo, com pé-direito bem alto, e as portas idem. No entanto, a ala posterior do prédio, onde se encontram as salas de aula, parecem ter as mesmas medidas das que se usam hoje

em dia, o que faz com que haja três pavimentos ao invés de dois, como é o caso em sua parte frontal. As paredes estão sujas, precisando de pintura e às vezes de pequenos reparos. O mobiliário das salas de aula é bem gasto, rabiscado, lascado, sendo que mesas e cadeiras são de modelos variados e diferentes entre si, parecendo sempre se desencontrar nas alturas, larguras etc. Sentei-me na cadeira mais próxima para escrever algumas destas linhas e notei que a cadeira balançava; olhando melhor, estava prestes a quebrar nas curvas de seus pés. Alguns dias mais tarde, depois de uma entrevista com uma aluna, ao levantar-me da cadeira notei que minha mochila estava com um chiclete mascado e grudado em seu fundo. Os quadros onde os professores escrevem são do tipo branco; há um outro pequeno quadro ao lado para avisos. Em geral, estes possuem um feltro, que nas salas nas quais entrei, estava rasgado, e numa estava com grandes pedaços pendentes, dando um horrível aspecto de lixo ao mesmo. Apesar de tudo isto, não reparei pelo chão papéis ou qualquer outra coisa atirada, o que me deu a entender que há na escola uma cultura de cooperação pela limpeza que atinge, ao menos em alguma medida, os alunos e a comunidade escolar, além de uma “manutenção” em termos de serviços, pelo menos, dentro das possibilidades de uma instituição que certamente não recebe os recursos materiais que precisaria para a manutenção e renovação do mobiliário ou da infraestrutura.

Notei também que há cartazes e quadros de avisos nas paredes dos salões de entrada e de coordenação, mas não há nada nas paredes do hall das salas de aula. Uma pequena mesa e cadeira para um inspetor estão colocadas no início desse hall, tal como na entrada da escola. Mais tarde verifiquei que há uma mesa igual e um inspetor em cada um dos três andares da ala posterior da escola. Sobre as mesas, há um telefone de ramais para o inspetor se comunicar com os vários setores da escola. É neste ponto do hall onde as portas do elevador se abrem para os andares, por trás das mesas dos inspetores. Os alunos parecem-me sempre bem comportados; não presenciei nenhuma gritaria, nenhuma briga ou correrias.

Até o final do dia, ainda consegui a ajuda de outros professores para aplicar os BS. Tentei observar o modo como os alunos reagem à minha presença em sala, e ao pedido que lhes fazia. Parecia haver sempre uma reação inicial de resistência a um trabalho que era proposto e que não lhes valeria nota, e a continuidade da situação poderia ser ainda de resistência e recusa, ou de se dar conta de que qualquer coisa seria melhor do que a aula. Alguns alunos chegaram a

se manifestar explicitamente neste sentido, bem diante de seus professores, e eu me sentia muito mal, imaginando o que seria estar na pele do professor neste momento. Felizmente, os professores reagiam com bom-humor.

No final, só posso dizer que observei uma variedade de reações, que vão do interesse pessoal na redação e na pesquisa, que se manifestou tanto nas palavras do BS quanto pessoalmente em conversas que vinham ter comigo, até a recusa em fazer o BS ou a me dirigir a palavra: alguns alunos simplesmente ignoravam minha presença ostensivamente, virando-se na cadeira para conversar com os colegas de trás ou saíam da sala. Para aqueles que permaneciam na sala e tentavam me ignorar, eu ainda lhes dirigia a pergunta se não fariam a redação. Em geral apenas balançavam a cabeça negativamente. Devo dizer também que, apesar deste tipo de reação, nenhum aluno passou deste limite, por exemplo sendo ofensivo em palavras, e que também todos os balanços feitos, com exceção de um, foram feitos realmente na tentativa de atender ao que foi pedido. Numa das turmas em que entrei, uma aluna dirigiu-se a mim e perguntou-me se era obrigada a fazer o BS. Respondi que não. Ela então se voltou para a colega e disse que não faria. Comentou, entre risos que “Isto precisa pensar. Pensar dá trabalho.” Por outro lado, houve alunos que vinham perguntar-me detalhes da pesquisa: para o que era, onde eu fazia o mestrado, se o doutorado era o que vinha depois do mestrado, e assim por diante. Um aluno se interessou a ponto de dar-me seus telefones para que eu o contatasse quando chegasse a fase das entrevistas.

Os tempos que os professores tinham com suas turmas poderia ser de 40 minutos ou de dois tempos seguidos de quarenta minutos. Havia turmas nas quais a realização da redação tomava todo o tempo da aula de 40 minutos, o que me deixava sempre ansioso e preocupado com a aula perdida; noutras, em vinte minutos todos tinham terminado. Alguns alunos vinham perguntar-me detalhes sobre o que exatamente significavam certas palavras do BS, e passavam a escrever de forma bastante concentrada no trabalho; outros pegavam a folha e, como se nada tivesse acontecido, continuavam a conversar com os colegas. Uma aluna, depois de uns dez minutos de ter recebido o BS, veio a descobrir que não tinha lápis para escrever...Certa vez, um grupo de três alunas perguntou-me se podiam escrever um balanço em grupo; respondi que não. Apenas uma, então, o fez, “auxiliada” pelas colegas... Pude constatar depois que esse procedimento era comum, em que um fazia e outros “ajudavam” com idéias sobre o que escrever.

Quanto aos professores, compreendo que a negativa por parte de qualquer deles em ceder-me seus tempos de aula seria sempre uma questão nada pessoal. Pelo menos assim acredito. Cada um avaliava a situação de sua disciplina com a turma em particular em que eu solicitava entrada e concedia um tempo de sua aula se a matéria estava em dia ou adiantada. Houve o caso de um professor talvez não ter feito exatamente isto: nem quis ouvir até o fim minhas breves palavras de explicação sobre a pesquisa, e simplesmente retirou-se da sala dizendo que eu ficasse à vontade. Quando quase todos os alunos já haviam terminado a redação, comentei com alguns ali na frente que estava preocupado com o professor que ainda não tinha voltado, e que assim ele não teria tempo de dar sua aula do dia. Em resposta, esses alunos disseram para que eu não me preocupasse com isto, pois este professor já quase não vinha dar aulas. Fiquei então me sentindo pior, por ter então tomado a aula justamente num dia em que ele ali estava para dá-la, e isto disse aos alunos. Eles responderam que não adiantaria nada; já está quase no fim do ano, e ele não daria aula mesmo. Fiquei um pouco mais tranqüilo, pois me lembrei dos dias em que estava na sala da coordenação, e presenciei em diversas ocasiões, vários alunos que entravam para perguntar ao coordenador se o professor que deveria estar dando aula naquele momento estava na escola. Numa dessas ocasiões, um grupo de alunos perguntou se a professora de uma certa disciplina estava na escola. Em resposta, o coordenador perguntou aos alunos qual era o nome dessa professora. Os alunos responderam não saber exatamente se era Maria Cláudia ou Maria Lúcia. O coordenador disse: “Veja se pode uma coisa dessas! Não sabem nem o nome da professora a esta altura do ano!”, ao que uma aluna respondeu: “Para você ver o quanto ela falta!”. Não sei até que ponto vai a inadimplência desses professores ou onde começa o desinteresse extremamente *blasé* dos alunos. De qualquer forma, estava feito, e preferi não pensar muito nisto, naquele momento. Finalizei assim mais um dia, e os dias iam se sucedendo.

2.2.4 Um bom dia!

Certo vez, cheguei à sala da coordenação e vi o Sr. Coordenador bastante ocupado com alguns quadros de organização das aulas, aos quais um dos inspetores também dava atenção. Sentei-me à mesa onde vi um professor lendo

jornal, e uma professora com quem havia conversado ontem. Ela, simpática, puxou assunto comigo, perguntando-me sobre o andamento da pesquisa. Fui explicando, e ela aproveitou e foi fazendo outras perguntas, tanto sobre a pesquisa quanto sobre minha situação profissional e acadêmica.

Entre outras coisas que também me contou, Beonice disse que trabalhava ali desde 1976, e que nota que de uns dez anos para cá, houve uma mudança significativa no comportamento dos alunos. Antes, eles eram mais dóceis, e entendiam os seus deveres. Hoje, chegam a ser às vezes desagradáveis. Ninguém lhes diz o que é ter respeito. Sentam-se de costas para a professora em plena sala de aula, durante a aula, e então se vê na obrigação de chamar a atenção desses alunos, pedindo para que se sentem de frente, pelo menos por causa do inspetor, que pode passar pela porta a qualquer momento, e ver que algo está errado. E que, para o professor que é mais antigo, essa situação é mais triste ainda, porque os novos já se formam nessa realidade e já encontram essa realidade ao iniciar seu trabalho. Os antigos vêem uma mudança enorme na conduta dos alunos.

Disse que, no entanto, quem mais desrespeita o professor é a Secretaria de Educação. Houve uma fase boa, que durou uns dez anos, em que havia passeatas, e ela participava de todas. Desde o último governador, a Secretaria passou a não pedir nenhuma opinião aos professores, simplesmente impondo decretos, normas, e “mandando fazer”. Somando tudo, fica um desânimo geral: os professores estão desanimados, os alunos estão desanimados... “É tudo uma loucura. É inacreditável o que foi feito com a saúde e com a educação”. Às vezes os colegas entram em depressão. Às vezes, ela mesma entra em depressão.

Cada professor que chegava, Beonice me apresentava de maneira simpática. Poucos se mantinham ali por mais do que alguns segundos. A supervisora pedagógica, Catarina, chegou e sentou-se conosco por uns momentos, naquela mesa comprida e de bancos desconfortáveis. Beonice, tentando ser prestativa, pediu-lhe que me concedesse uma “entrevista”, e fiquei com uma sensação estranha, pois eu não estava ali exatamente para isto, e apesar de eu estar anotando algo do que a professora me relatava, não queria considerar isto uma “entrevista”. Mas fiquei apenas observando como os fatos se sucederiam. Em resposta, Catarina recusou-se, dizendo francamente que “nessas entrevistas eles escrevem o que querem, inclusive o que não dissemos”. Concordei com ela que há quem faça isto, mas deixei claro que, se a professora Beonice, que já tinha me dito

tantas coisas quisesse ver o que escrevi, que ela poderia fazer ali mesmo. Beonice recusou-se dizendo que Catarina o fizesse. Respondi que ela não poderia fazê-lo, uma vez que não estava presente enquanto conversávamos; só a própria Beonice poderia conferir o que foi escrito de nossa conversa. Beonice disse que não precisava fazer.

Mais um pouco e chega outra professora, que dava aulas naquele turno da noite, e que ela me apresentou de maneira diferenciada, se referindo a algo como ser ela uma bela professora, e então estava me apresentando... Só sorrisos meio tímidos de ambas as partes como conseqüência. Ela prosseguiu com a apresentação, e a professora se colocou à disposição para o que pudesse ajudar. Falei a minha ladainha, de rápida explicação da pesquisa e do que preciso, já tantas vezes repetida a cada novo professor que conhecia. Ela me disse que já ia descer, e se eu quisesse, poderia descer com ela para a sala. Agradei e concordei.

Cátia me contou que tem uma turma do turno da noite que é muito problemática. Soma-se ao temperamento difícil dos alunos o fato de que ela dá os dois últimos tempos de aula para essa turma, e justamente na sexta-feira. Para piorar, os alunos geralmente ficam sem aulas entre os primeiros tempos e os seus, que são os últimos. O resultado é que os alunos não esperam na escola até o momento das aulas dela, e vão embora na maior parte das vezes. Não assistem às aulas, e só comparecem nos dias de provas. Nessa turma, há alunos que são analfabetos funcionais: que até conseguem ler um texto que se dê para ler, mas que se fizermos qualquer pergunta de interpretação, nada conseguem. Assim, “Fica difícil...!”, comenta ela. E para escrever, todos têm muita dificuldade. Ela, que dá aulas de Português, e os professores de Inglês, Filosofia, e Geografia, estão tentando organizar um trabalho sobre o *funk* com os alunos. Cada professor vai contribuir com a análise de sua respectiva disciplina para o *funk*.

Na primeira turma que entramos, havia apenas sete alunos. Eles levaram o tempo inteiro da aula para escrever os BS. Quase uma hora para escrever no máximo 21 linhas (o maior), e em média 13 linhas. Mas pareciam ser o oposto no temperamento em relação à turma antes descrita por Cátia, uma vez que eram atenciosos e respeitosos. Havia alunos e alunas de mais de quarenta anos de idade, algumas passavam dos cinquenta; gente muito simples nos modos. Fiquei pensando, depois de reparar no modo como uma senhora olhava para o BS e depois me olhava, no quanto pode ter sido constrangedor para alguns deles terem

de escrever, na redação feita para um estranho que surgiu de repente e de repente também iria embora, a própria idade.

Notei que alguns escreviam no caderno e depois passavam a limpo na folha que lhes entreguei para o BS. É muito freqüente também os alunos apagarem ou passarem corretivos, para mudar o que escreveram. No dia anterior, uma aluna chegou a me pedir outra folha, porque já tinha escrito um parágrafo mas afirmou que escreveu uma coisa que não era o que estava querendo dizer. Notei nesta turma um empenho muito grande em escrever o BS, quase carinhoso. Poucos alunos pareciam querer apenas livrar-se logo de mais uma tarefa.

Um aluno de mais idade, do fundo da sala, me chamou quando terminou sua redação. Pediu-me para eu ler, para ver se estava certo. Respondi que não havia certos ou errados; o que há é a opinião do aluno. Ele insistiu, dizendo para mesmo assim eu ler. Concordei, sentando-me ao seu lado, e passei a ler detidamente, dando-lhe oportunidade de conferir suas próprias palavras. De tempos a tempos, ele ia acrescentando e ilustrando oralmente sua história de vida, rapidamente resumida naquelas poucas linhas, que enfatizavam uma consciência do que o saber lhe proporcionou de bom, e um senso de gratidão, inclusive a Deus, por ter conseguido chegar aonde chegou. Falou do início difícil, do abandono dos estudos, dos filhos e da família, do retorno aos estudos. A simplicidade do seu jeito (chegava a me dizer até o quanto ganhava em Reais em cada fase de sua vida), aliada à aparente simplicidade de sua própria história, me emocionou tanto que tive de me conter. Era a primeira vez que um aluno não só fazia o BS como também fazia questão de me contar mais detalhes, numa abertura impressionante.

Tentei deixar claro minha concordância com os seus valores de honestidade e esforço para estudar, e minha grande apreciação pelo que ele conseguiu, apesar de todas as dificuldades. Quis deixar estas coisas claras porque sei que, uma vez que ele demonstrava o quanto valorizava minha presença, minha opinião sobre os aspectos mais importantes de sua vida, eu não podia deixá-lo sem uma apreciação valorativa: seria uma desconsideração, uma frustração, e a mesma atitude *blasé* que reclamamos de nossos alunos mais jovens.

Alguns alunos pediram para a professora corrigir os seus textos. A professora concordou, desde que não fosse alterado o significado do texto. Conversando com Cátia, toquei no assunto da organização escolar. Ela

imediatamente respondeu afirmando que este é um assunto do qual se ressentia. No Estado, sente-se como se estivesse num barco sem comandante, sem rumo. Fiquei ouvindo, e ela completou que há um norte pedagógico, mas que isto é só uma estratégia com outros fins, com fins políticos, estatísticos... Certamente se referia aos números de jovens e adultos nas escolas, aprovados etc.

Antes de sairmos da segunda classe, entrou um aluno jovem, com jeito de malandro, pedindo para a professora lhe dar a presença em sua aula. Como ele havia assistido apenas 10 minutos da mesma, ela lhe disse que não poderia lhe dar presença no dia. Ele perguntou qual foi a matéria, ela respondeu que foi acentuação. Ele então lhe perguntou de modo bem direto e franco: “Isso não é importante, né?” A professora respondeu que era importante. Saímos e fomos conversando pelos corredores. Ao começarmos a subir as escadas que davam para a sala da coordenação, toquei no assunto do que eu havia presenciado, dizendo: “É engraçado; em outros contextos, o que o aluno diz para o professor seria até ofensivo. Tal como dizer que uma parte de sua matéria não tem importância.” Cátia começou a ponderar em voz alta coisas como: qual é relação com o saber desses alunos? Pensei, nos segundos de silêncio que se seguiram, num ímpeto emocional que contradizia meus estudos do assunto: nenhuma. Ela continuou: eles não precisam desse saber para o trabalho ou para o que vão fazer na vida. Mesmo os que chegam até a universidade, não precisam desse saber: basta poder pagar para entrar. Concordei ilustrando com o caso do analfabeto aprovado para a Faculdade Stadium. E pensei se seria possível uma *relação comercial* com o saber. Cátia contou que tinha ido se apresentar como candidata a um trabalho numa certa empresa. Ao lá chegar, conheceu uma médica, dermatologista, que também aguardava atendimento. Cátia pensou tratar-se de outra candidata ao trabalho de redigir textos sobre certos temas, mas descobriu tratar-se de uma *cliente* da empresa: neste caso, a médica estava ali para *comprar* uma monografia de especialização em psoríase. Cátia entendeu tudo e saiu indignada: estava, inadvertidamente, se candidatando a ser parte de uma equipe que escreve teses por encomenda. Perguntou-me então: quem vai querer ter essa dermatologista como sua médica? Mas as coisas estão funcionando assim. A própria relação que a sociedade tem com o saber hoje não é mais a mesma de antes. Nem tampouco temos hoje a mesma relação com o “respeito”.

Quando Cátia saiu, pensei em passar a anotar o mais rapidamente possível nossa conversa na beira da escadaria interna, mas bastou eu olhar para frente e vi que havia duas pessoas sentadas à mesa da sala da coordenação, e uma delas era Beonice me olhando com um sorriso, justamente quem me apresentou à professora Cátia. Senti-me na obrigação de dar-lhe atenção e me aproximei. Fiquei então conversando um pouco com ela, e acabou me apresentando à sua colega: era uma amiga, artista. Quando me perguntaram onde trabalhava, respondi, e acabei descobrindo ser ela mãe de um ex-aluno da Escola Técnica, com quem ainda tenho contato. Por ser um ex-aluno muito querido de todos, excelente pessoa, fiquei muito feliz por conhecer assim a mãe dele, e me levantei para dar-lhe um abraço.

Ficamos conversando talvez mais meia hora. Pedi desculpas e levantei-me para verificar se ainda haveria possibilidade de pesquisar alguns alunos. Sentia já um certo cansaço físico (eram aproximadamente 21:15h), mas pensei que qualquer oportunidade não deveria ser desperdiçada. O coordenador Gilson me viu de pé próximo à sua mesa, da qual manteve uma distância respeitosa por ter visto que ele estava em pleno trabalho de organização de dois quadros enormes de turmas e alunos, com a professora Catarina, a supervisora pedagógica com quem havia trocado algumas palavras hoje. Gilson virou-se para mim e perguntou se estava tudo OK. Respondi-lhe que iria encerrar o meu “expediente” de hoje, a menos que houvesse a possibilidade de haver mais alunos disponíveis. Ele olhou em silêncio para o seu quadro e deu-me a entender que não haveria tal possibilidade. Pelo menos assim interpretei, dada sua expressão e o que imagino ser a dificuldade da tarefa de prever essas coisas. Respondi que voltaria na próxima semana. A professora Catarina me perguntou então que disciplina eu lecionava. Respondi-lhe Educação Física. Ela fitou-me por alguns segundos, em silêncio, olhando-me nos olhos, como normalmente as pessoas fazem ao ouvir minha resposta a esta pergunta. Então passou a dizer algo assim: “Você deveria trabalhar mais com as mãos.”, fazendo um gesto com sua mão dando a entender escrita, administração... Imittei-lhe o gesto, repetindo suas palavras, numa tentativa de entender melhor: “Mais com as mãos...” Ela disse algo como: “É, porque você é uma pessoa que tem atenção para os detalhes, senso prático, coração afetuoso e os pés no chão.” Fiquei tão lisonjeado com suas palavras que só pude dizer: “Nossa! Agora eu vou escrever as suas palavras, fazer um quadro e pendurar na

parede do meu quarto!”, em tom de brincadeira e virando-me para o Sr. Gilson, que continuava a segurar as enormes folhas de papel com os quadros nos quais trabalhavam, e sorria um tanto timidamente. Ela continuou afirmando que eu tinha mais senso analítico do que sintético; que eu tinha mais talento do que só para Educação Física, e que, se fosse este o caso, deveria trabalhar mais com a questão terapêutica do corpo. Agradei-lhe os elogios e assenti respeitosamente sua opinião, embora comigo mesmo talvez discordasse de algumas coisas, inclusive pela idéia limitada de Educação Física que provavelmente a levou a afirmar que eu poderia fazer mais do que “apenas” Educação Física.

Despedi-me deles, e em seguida dos professores na mesa onde estive. Fui saindo daquela sala, pela primeira vez em todos esses dias, com a sensação, maravilhosa devo dizer, de não estar mais “pisando em ovos”, de não ser mais um “corpo estranho” ao ambiente, mas uma pessoa já conhecida e aceita, parte do cotidiano escolar pelo menos naqueles breves dias em que estaria realizando a pesquisa de campo. Mesmo que estivesse enganado, mas a sensação era exatamente esta.

Ao descer o primeiro lance da escadaria, percebi uma grande placa de metal afixada no alto, nas quais pude ler:

“No reinado de S. M. o Imperador
o Sr. D. Pedro II
o Ministro e Secretário d’Estado
dos negócios do Império
Conselheiro Dr. João Alfredo
Correa d’Oliveira
Mandou fazer esta obra
1874”.

Saindo do interior da escola, despedi-me dos inspetores ali presentes, que sempre se mostraram atenciosos. Ali, antes da minha decepção com o coordenador, eu só podia suspeitar que um deles, Rogério, seria a peça principal nos demais dias em que voltaria à escola para pôr-me em contato com os professores e alunos que precisaria para dar conta desta fase da pesquisa. “Bom dia o de hoje!”, pensei solitário e feliz a caminho de casa.

2.3

Observações de Campo e Surpresas de um Iniciante

Esse gradativo entrosamento no ambiente escolar, com a conseqüente aceitação da comunidade tem pelo menos dois lados, como quase tudo na vida. Ficava realmente muito feliz quando alguns alunos e alunas, ao me ver andando pelos corredores, ou escrevendo algo em qualquer lugar, vinham me cumprimentar: “Oi, Professor!” com um grande sorriso e um tom de voz animado. Algumas alunas chegavam a me mandar beijinhos quando me viam ao longe. Era uma delícia para mim a sensação de estar sendo aceito não só pelos professores, mas também pelos próprios alunos.

Mas um dia levei um susto. Faltando mesmo poucos dias para o término das aulas e provas, embora tivesse bastantes redações e algumas entrevistas, ainda havia algo o que obter. De fato, não podia perder nenhuma oportunidade para conseguir as últimas entrevistas e balanços. Mas, mal cheguei naquele dia na sala da coordenação, depois do habitual simpático cumprimento, a coordenadora me chamou e me pediu para *aplicar uma prova* para uma turma! Queria ter visto a minha própria cara naquele momento: era um misto de surpresa pela confiança e de decepção pelo tempo e oportunidades que perderia. Amanda me explicou que alguns professores ainda não tinham chegado, e o tempo corria. Não pude recusar, depois de tanta ajuda que também recebi. A coordenadora pegou dois grossos envelopes pardos com as provas, colocou-os em meus braços estendidos, deu-me instruções sumárias, e disse: “Obrigada!”. Tudo aconteceu em, no máximo, um minuto. Fui saindo da sala, repassando tudo em minha mente, andando lentamente como um moribundo, olhando para os envelopes e pensando: “Era só o que me faltava!”. E lá ia eu, aplicar provas para alunos que provavelmente eu nunca tinha visto, apresentar-me, e tentar fazer tudo o melhor possível.

Depois de alguma dificuldade, encontrei a sala certa. Os alunos daquela turma pareciam cooperativos. Solicitei que retirassem todo o material de cima de suas carteiras. Alguns me perguntavam se podiam fazer a lápis. Enquanto distribuía as provas e me perguntava se não tinha feito uma grande besteira em aceitar a missão, eis que entra um professor na sala, e diz que eu estava liberado. Fiquei aliviadíssimo! Ao sair, um aluno diz brincando: “Não! Não nos deixe!...” Todo o restante do dia foi nesse clima de provas, e logo vi que nada conseguiria

de redações ou entrevistas. Podia “fugir”, mas preferi ficar e ajudar. Os professores que já me conheciam também me solicitavam: traga a prova de Literatura; os alunos já quase terminaram a primeira. Ia à coordenação: as provas de Literatura ainda não tinham sido “rodadas”; os alunos devem permanecer em sala até que as provas cheguem. Voltava com o aviso e o professor redargüia: “Mas os alunos vão ficar esperando quanto tempo? Já terminaram há mais de meia hora!” Na sala da coordenação chega uma funcionária, com vários envelopes pardos nos braços, dizendo à coordenadora: “As provas de Literatura foram rodadas de menos!” Tudo o que eu não queria era ser professor daquela escola naquele dia, muito menos coordenador! Quantos problemas! Isto me levou a, no dia seguinte ao chegar, cumprimentar bem de longe a coordenadora, como se isto adiantasse para dizer que quero fazer o *meu* trabalho. Mas ela me chamou. Entrei em sua sala. Ela disse com um sorriso: “Tenho trabalho para você...!”, enquanto o meu sorriso amarelava. Mas também me perguntou se eu tinha horário, e pudemos acertar uma conciliação das coisas.

Noutro dia, depois de uma manhã na qual pude acertar algumas entrevistas para a parte da tarde, disse ao inspetor Rogério que iria sair por alguns minutos para almoçar. Ele me respondeu “Por que você não almoça aqui?” Respondi “Se eu puder, aceito.” Ele então desceu comigo para me mostrar o refeitório, e verificar se ainda tinha comida. Eram 13:30h, o refeitório estava completamente vazio, mas ainda havia comida. Rogério pediu a servente que me fizesse um prato; em seguida disse para eu ficar à vontade; agradei, e ele saiu. A moça preparou um prato com rapidez, colocou-o sobre o mármore da janela que comunicava a cozinha ao refeitório e virou-se antes que eu pudesse agradecer. Mesmo assim, eu disse “Obrigado”. Olhei para o prato com algum receio, e vi o seguinte: arroz, feijão, carne moída e abobrinha.

Pensei naquele momento que a hora da refeição seria, para mim, a prova de fogo de um pesquisador etnógrafo. Sempre fui “enjoado” para comer, em geral gostando de poucas opções, e confesso que tenho medo de maus hábitos de higiene, da famigerada má vontade dos funcionários públicos... Mas como poderia, depois de tamanha demonstração de amizade, rejeitar toda a comida me foi servida, ou a maior parte dela, sair dali e ir almoçar fora? Não podia. Peguei talheres numa grande caçamba plástica, um copo de refresco na máquina. Sentei-me para comer. Procurando me tranquilizar, passei a examinar os detalhes da

comida, mas não muito... Para minha alegria, a comida estava gostosa! Com o passar dos dias, voltei a comer no refeitório, e reparei que talvez toda a comunidade escolar comesse lá, inclusive as diretoras de turnos. Chegou o dia em que a vista do refeitório me despertava o apetite, ao invés da desconfiança inicial.

Às vezes o modo como eu me portava com os alunos ou os funcionários da escola mais me pareciam de comerciante ou de qualquer outra coisa, menos de pesquisador. Um dia, um inspetor me recomenda entrevistar um certo aluno, de baixo rendimento acadêmico. Depois de me apresentar e de apresentar a pesquisa, e de solicitar a entrevista, o aluno me pergunta com jeito de quem não quer saber de nada:

- *Entrevista de quê?*
- *Sobre o que você pensa sobre a escola, o estudo...* (Pequena pausa.)
- *Quanto tempo demora?*
- *Meia hora* (meio reticente...)
- *MEIA HORA?!!!* (com grande espanto)
- *Quinze minutos!*
- *Quinze minutos também...* (com cara de grande insatisfação)
- *OK, OK! Cinco minutos. Tá bom?*
- *Tá.*

Durante a entrevista coletiva com os alunos de menor desempenho escolar, pude ver que dois deles, com menor capacidade de expressão, ficavam encabulados por não conseguirem responder às perguntas que eu fazia, nem às mais elementares sobre eles mesmos. “Pegavam carona” nas respostas dos colegas, e nunca se estendiam nas respostas, quando as davam. O tempo todo tinham dificuldade de olhar para mim: ou olhavam para o chão, ou olhavam para algum colega, como se esperassem que o colega respondesse por eles. Tentei fazê-los se sentirem mais à vontade, não insistindo em que eles respondessem quando não o conseguiam por um certo tempo. Tentei sempre ter cuidado com as roupas que vestia para ir à escola: usava apenas jeans, uma sapatilha simples, blusa de algodão branca. Não usava relógio, cordão, anel, pulseira ou boné. De resto, este é mesmo meu jeito de me vestir para o dia-a-dia, exceto pelo relógio que quase sempre uso ao sair de casa. Se não pude ser um bom entrevistador, pondo em prática as reflexões sutis e profundas de Bourdieu quanto aos aspectos de poder e violência simbólica, pelo menos algum mimetismo barato poderia funcionar.